

“POR UMA HISTÓRIA PRAZEROSA E CONSEQUENTE”: MITOLOGIA GREGA, GÊNERO E DOCUMENTOS HISTÓRICOS EM SALA DE AULA¹.

Educação Inovadora e Transformadora

**Dandara Perlin Pereira²
Semíramis Corsi Silva³**

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o projeto apoiado pelo Programa de Licenciaturas, “Por uma História prazerosa e consequente”: mitologia grega, gênero e documentos históricos em sala de aula. Para sua realização, partimos de duas questões norteadoras: a busca pela renovação do ensino de História Antiga no ambiente escolar – utilizando expressivamente o trabalho do historiador Pedro Funari – e o trabalho com os estudos de gênero – especialmente a partir da historiadora Joan Scott – para lançar luz sobre sujeitos sem visibilidade durante a maior parte do processo de escrita da História no Ocidente. Desta forma, utilizamos o mito das amazonas, tribo de mulheres guerreiras que os gregos antigos acreditavam viver para além das fronteiras do mundo conhecido por eles. Também buscamos trazer documentos históricos para a sala de aula por meio da elaboração de uma Cartilha de Apoio Pedagógico. Assim, neste projeto, buscamos compreender como autores do período da República romana, Estrabão (64 a.C. – 20 d.C) em sua Geografia e Diodoro Sículo (séc I a.C.) em sua Biblioteca Histórica, retratam essas mulheres míticas e como isso pode contribuir para a compreensão da construção de conceitos no processo de escrita da história por parte de alunos/as e alunas do sexto ano do Ensino Fundamental, onde a autora está realizando estágio docente.

Palavras-chave: Ensino de História; Mitologia Grega; Gênero; Documentos históricos.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as pesquisas acadêmicas na área de História Antiga vêm passando por uma grande renovação. Novos temas, novas abordagens e novos olhares que quebram com o tradicional modelo baseado em eurocentrismo, orientalismos e imperialismos têm sido cada vez mais debatidos e utilizados. O ensino escolar de História Antiga, porém, apesar de incorporar por meio dos livros didáticos algumas atualizações, segue apresentando um conteúdo de pouca atualidade e capacidade de trazer reflexões para os educandos. É ainda agravante o fato de que as pesquisas na área do ensino de História Antiga e a produção de materiais didáticos são bastante escassas. Assim, por mais que as pesquisas

¹ Projeto apoiado pelo Programa de Licenciaturas da UFSM (PROLICEN – UFSM).

² Graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: dandaraperlin@outlook.com

³ Orientadora. Doutora em História. Departamento de História, Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: semiramiscorsi@yahoo.com.br.



acadêmicas tenham incorporado novos e necessários debates, eles não têm sido levados de forma ampla e adequada para o ensino escolar.

No ano de 2017, sob o financiamento do PROLICEN/UFSM, foi realizado por nós o projeto **História Antiga e fronteiras entre o saber escolar e acadêmico: uma busca de integração por meio da produção de materiais didáticos voltados ao debate de gênero em sala de aula**. Como resultado, elaboramos um vídeo didático disponibilizado no YouTube, intitulado **A mulher grega mítica: ideal e realidade da mulher aristocrática**, trabalhando com os mitos gregos das mulheres Amazonas e da rainha Penélope.⁴ Nesta ocasião, inseri-me na E. E. B. Dom Antônio Reis de Faxinal do Soturno/RS. Nesse momento, por meio de entrevistas com as professoras de História e estudantes da escola, observamos que os alunos e alunas têm grande curiosidade pela temática da religiosidade e da mitologia grega, o que não se esgotou com a produção do vídeo e a entrega do trabalho para as professoras na escola. Além disso, o trabalho com o mito das Amazonas, em consonância com outro projeto do GEMAM/UFSM⁵, interessamo-nos pelo aprofundamento das questões de gênero e de sua ligação com construções de identidades e alteridades pertinentes no mito das Amazonas.

Assim, buscamos complementar o trabalho anterior com este projeto, pensando agora em como desenvolver um material guia para professores e professoras que auxilie no trabalho com fontes históricas em sala de aula, mais especificamente com fontes históricas que tratem do tema mito, gênero e construção de identidades e alteridades. No caso, escolhemos trabalhar com o mito grego das mulheres Amazonas, mas agora em outro tipo de material, trazendo para o novo trabalho fontes gregas que tratem do mito e reflexões e orientações sobre como utilizá-las em sala de aula. Diante disso, o projeto **“Por uma História prazerosa e consequente”**: mitologia grega, gênero e documentos históricos em sala de aula visa construir uma **Cartilha de Apoio Pedagógico para uso de professores/as da Educação Básica**.

⁴ O vídeo encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S3cn6NPRCxc>

⁵ Trata-se do Projeto **Barbaridade: identidades e alteridades em representações do outro por escritores romanos** (Número de registro do projeto no SIE/UFSM: 041482). Esse projeto conta com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS através do Edital 01/2017 – ARD. Processo 17/2551-0000 798-0.

MULHERES BÁRBARAS NA MITOLOGIA GREGA

No livro **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas** (2007), organizado por Leandro Karnal, temos uma discussão sobre “o que e como ensinar” com o capítulo “Por uma História prazerosa e consequente”, de Carla Pinsky e Jaime Pinsky. No texto, os autores trazem problemas e propostas relacionadas ao ensino de História e fazem algumas sugestões de recortes de conteúdos e abordagens possíveis, de forma a tornar o ensino adaptado à atualidade no sentido de ser interessante e instigante para os alunos – prazeroso –, mas também comprometido com a relevância do que é trabalhado para a vida dos educandos, buscando, portanto, impacto social, o que eles chamam de *consequente*. Ao sugerir formas de abordar a escravidão no Brasil, por exemplo, C. Pinsky e J. Pinsky (2007, p. 31) apontam: “O tema deve ser abordado de forma a aguçar o espírito crítico dos estudantes, levando-os, no final, a entender e combater preconceitos dentro e fora da sala de aula”. Em nosso ponto de vista, tal ideia deve ser também reaproveitada para outros temas e contextos.

A partir da premissa e da proposta colocada pelos historiadores acima citados, pensamos o desenvolvimento deste projeto. O ensino de História no Brasil esteve, desde o período imperial, vinculado à ideologia de Estado e dos governantes, que tinham como objetivo construir uma ideia de nação baseada na ordem e no progresso. Nossas escolas públicas, a partir desse ideal, estarão marcadas por uma educação a serviço do que o Estado espera dos cidadãos, que sejam trabalhadores. Tal educação, por sua vez, será muito marcada por um ensino de História pouco reflexivo, muito baseado em memorização de datas e bastante factual. Apesar de as diretrizes curriculares apontarem para um ensino que estimule o respeito às diferenças entre as pessoas, o esforço por parte de professoras e professores para pensar uma educação que de fato tenha relevância na vida de alunos e alunas, segue sendo urgente. Desta forma, este projeto se propõe a trazer para a sala de aula uma História que capture a atenção e o interesse dos/as educandos/as, ao mesmo tempo trabalhando com temas que são relevantes para sua vida pessoal enquanto cidadã/o na sociedade brasileira.

Ainda que seja um tema que diz respeito à chamada História Antiga, a mitologia grega é objeto de interesse de pessoas de todas as idades, divulgada amplamente por meio de livros paradidáticos adultos e infantis, filmes, séries e jogos de computador, dentre outros. No já mencionado projeto **História Antiga e fronteiras entre o saber escolar e acadêmico: uma busca de integração por meio da produção de materiais didáticos voltados ao debate de gênero em sala de aula**, constatamos que a mitologia das antigas sociedades que compuseram a História da Grécia Antiga um tema que chama particular atenção atualmente. Assim, focando em um assunto que causa curiosidade, é possível tornar a História prazerosa para alunas e alunos da Educação Básica, premissa fundamental deste trabalho.

Mas muito além da curiosidade, o trabalho com as práticas culturais de sociedades distantes de nós no tempo e no espaço possibilita a compreensão de nossa própria *alteridade* e do processo de construção histórica do mundo contemporâneo. Arthur Fabrício e Liliane Cunha (2014, p. 143-148), definem os conceitos *identidade*, *alteridade* e *etnicidade* a partir de importantes autores como Jonathan Hall, François Hartog e Frederik Barth. Assim, valendo-se da síntese dos autores, podemos definir *alteridade* como o contato com o *outro*, com o diferente, que possibilita a reflexão sobre o *eu*. Ou seja, a reflexão sobre nossa própria *identidade* ao se perceber enquanto inserido em um grupo e em um tempo histórico diferente daquele estudado.

Em nossa perspectiva, a percepção a partir das *diferenças* pode ser intensificada ao se trabalhar com a categoria *gênero* e com a análise de documentos históricos.⁶ Sendo o gênero um estruturador das relações sociais, da política e da economia, este trabalho ainda permite o entendimento de um componente indispensável para a compreensão da sociedade como um todo, mas que vem sendo ignorado e fortemente combatido por grupos conservadores em diversos

⁶ A concepção de gênero como categoria para a análise histórica é da historiadora estadunidense Joan Scott (1995). Para essa historiadora, as questões de gênero não devem estar isentas de uma interpretação do mesmo em encenações e representações no âmbito da política e nas relações de poder e governabilidade. Portanto, a historiadora compreende o gênero como articulador de ações sociais e políticas, estando nas variadas esferas de composição do mundo social.

âmbitos no Brasil atual.⁷ Diante disso, acreditamos que a observação do tema gênero, com enfoque nas *diferenças* entre os períodos históricos, estimula a prática do respeito e contribui para uma sociedade mais igualitária.

O trabalho com documentos históricos, por sua vez, possibilita trabalhar com alunos e alunas a dimensão pela qual a História é escrita e interpretada, aproximando-os não apenas do próprio trabalho historiográfico e da compreensão do passado, como também de que há pessoas por trás do que é escrito, há autores e autoras, há vidas e há mensagens com valores e significados a serem decifrados e compreendidos. A partir disso, nosso recorte para trabalhar com questões de gênero em sala de aula partiu da seleção do antigo mito grego das mulheres Amazonas. Essa tribo de mulheres guerreiras, que os gregos acreditavam realmente existir nos limites das fronteiras do mundo conhecido por eles, representava o que eles consideravam como *bárbaro*.⁸ A barbaridade destas mulheres estava não apenas em costumes que divergiam dos costumes dos helenos/gregos e da Hélade, mas era frisado, principalmente, por elas inverterem a ordem do que era considerado correto e assumirem atividades que para eles deveriam ser exercidas por homens. Para trabalharmos com esse mito, utilizaremos fontes do século I a.C., a **Geografia**, de Estrabão, e a **Biblioteca Histórica**, de Diodoro Sículo. Assim sendo, a partir desse mito vemos como *gênero e identidade* se interseccionavam na construção de mulheres bárbaras masculinas, mas fora dos limites do mundo grego. Desta forma, estes autores normatizam aspectos de gênero e comportamento esperado entre gregos e gregas para seus leitores por um olhar construído sobre o *outro*.

Deste modo, temos como resultado a Cartilha de Apoio Pedagógico **Mulheres Bárbaras na Mitologia Grega: Gênero e estruturação das relações sociais no**

⁷ Como exemplo, podemos citar o material **Escola sem Homofobia**, vetado pela Presidência da República em 2011 a partir da pressão de setores conservadores que, veiculando protestos especialmente por meio das redes sociais, deixaram-no conhecido pejorativamente como “kit gay” (Fonte: <<https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>>. Acesso em: 28 dez. 2017). Da mesma forma, recentemente, a vinda da filósofa *queer* Judith Butler sofreu duras críticas de grupos conservadores. Tais fatos mostram o quão a sociedade brasileira, de maneira geral, possui grupos autoritários e contra projetos que tratem de direitos humanos básicos, como os que envolvem liberdade de gênero e as várias reflexões em torno da temática.

⁸ “A palavra “bárbaro” tem certamente uma conotação pejorativa, mas o seu sentido inicial significava simplesmente “aquele que não fala o grego e que parece estar balbuciando” (VIDAL-NAQUET, 2002, p. 37).

Mediterrâneo a partir de documentos históricos. Para a sua realização, iniciamos o projeto no primeiro semestre junto a uma turma de sexto ano. A escola em questão foi a Escola Estadual de Educação Básica Profa. Margarida Lopes, na qual realizei com a turma 6A o meu estágio docente no Ensino Fundamental. Durante o primeiro semestre observei aulas nos meses de maio e junho e no segundo semestre, de agosto a outubro, lecionei os conteúdos de Egito Antigo, Mesopotâmia, Índia e China Antigas. Esse período possibilitou-me contato, adaptação e compreensão da realidade, ritmo e interesse de alunos e alunas, de forma que fosse possível adaptar exercícios em um esforço de focar seu desempenho em atividades produtivas.

O uso de fontes históricas em sala de aula é um recurso que vem sendo utilizado no Brasil há décadas com objetivos diversos. Nas primeiras décadas do século XX, o documento vem como prova do que é dito pelo professor ou professora em sala de aula. Tendência influenciada pelas “leis históricas” do positivismo e pela noção de fonte como algo do qual o/a historiador/a pode beber as informações das quais necessita (CAIMI, 2008). Com a influência da Escola dos Annales, o posterior desenvolvimento das pesquisas em ensino e a criação dos PCNs no final do século XX e início do século XXI, a função das fontes históricas em sala de aula muda, trazendo o potencial de ser uma ferramenta para a compreensão do processo de construção da História por parte dos/as historiadores/as. Segundo Nilton Pereira e Fernando Seffner (2008),

O uso de fontes históricas deve servir para suspender o caráter de prova que os documentos assumem desde a história tradicional e mostrar às novas gerações a complexidade da construção do conhecimento histórico (...). O trabalho com fontes em sala de aula pode ser bastante produtivo, desde que o objetivo seja a complexidade, não a facilitação (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p. 126).

É nesse sentido que buscamos, em nossa pesquisa, produzir também materiais didáticos que possibilitem aos alunos e alunas trabalharem com fontes históricas. Partindo dessas constatações, tomamos a liberdade de delimitar o tema e as fontes a serem utilizadas. No ano anterior, percebemos que o trabalho com o mito das amazonas não se esgotava no que havíamos feito até então, e que possibilidades ainda mais ricas aguardavam ao se explorar o mito a partir de

documentos escritos. Assim, selecionamos dois autores que pudessem nos abrir caminhos.

Estrabão, segundo informações contidas em sua **Geografia**, provém da cidade de Amaseia, capital do reino do Ponto. A data de seu nascimento é discutível, entre 64-3 e 63-2 a.C., e sua família fazia parte da aristocracia local. Assim, ao longo de sua juventude, Estrabão pode viajar pela Ásia Menor e foi instruído por diversos mestres gregos aristotélicos daquela região. Em nossa pesquisa, valemo-nos dos livros XI a XIV, em que o autor trata da Ásia Cistaurica, ou seja, os territórios da cadeia dos Montes Tauro e ao norte desta.

Diodoro Sículo, por sua vez, provém de Agira, na Sicília, e ao longo de trinta anos escreveu a **Biblioteca Histórica**, composta de quarenta livros escritos a partir da pesquisa em diversas bibliotecas e arquivos, como a Biblioteca de Alexandria. Da mesma forma, sua data de nascimento não é muito precisa, mas estima-se que nasceu em 90 a.C. O autor não é muito apreciado pela tradição histórica dezenoviana alemã porque, não é um “viajante de acepção herodotiana; aquele que corre o mundo para testemunhar a história de modo a registrá-la em seus escritos. Ao contrário, o siciliano se assemelhava a um “erudito de gabinete”, que peregrinava para conhecer livros, bibliotecas e arquivos” (BIAZOTTO, 2016, p. 73). Utilizamos os livros I a VIII em nossa pesquisa, nos quais Diodoro faz diversas menções às amazonas.

A partir da leitura dos autores e de bibliografia relacionada, selecionamos trechos de forma que pudéssemos trabalhar alguns pontos que consideramos importantes: 1) o trabalho do/a historiador/a, buscando mostrar as/aos alunas/os que a ciência histórica está em constante transformações e que parte dos vestígios do passado; 2) a visão de mundo mítica grega e suas diferenças em relação ao que os próprios gregos consideravam História, já que essas duas questões influenciam no pensamento da época e em como o/a historiador/a pode interpretá-lo; 3) o debate de gênero, buscando elucidar as polêmicas envolvidas no que diz respeito ao trabalho com esta categoria nas escolas e enfatizando sua importância para um ensino prazeroso e de qualidade; 4) noções de *identidade* e *alteridade*, trazendo mais um aspecto do pensamento e da sociedade grega no sentido de trazer um olhar sobre o diferente, para que os/as alunos/as reflitam sobre sua própria contemporaneidade.

Estas quatro questões foram organizadas em quatro capítulos com textos direcionados ao/a professor/a, de forma que ele ou ela tenha uma base teórica para aplicar as questões propostas no capítulo 5. Nesse último capítulo, portanto, disponibilizamos 4 caixas de texto com pequenas leituras didáticas para os/as alunos/as, 7 trechos dos escritos de Estrabão e Diodoro Sículo, e 10 sugestões de questões a serem aplicadas na turma. Ainda, deixamos a atividade em aberto, sugerindo que seja feita em forma de dinâmica distribuindo fichas com as questões e textos para a classe, mas que outras atividades podem (e devem) surgir e serem operacionalizadas de acordo com as necessidades e a criatividade do/a professor/a.

A cartilha foi finalizada em novembro de 2018 e estará disponível no site do GEMAM/UFSM em breve para download. Foi disponibilizada para a professora Patrícia Schramm, regente da turma com a qual trabalhamos para desenvolver este projeto, e será online para que outros professores e professoras, graduandos/as e mesmo o público em geral possa fazer uso didático.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, discutimos a dificuldade que temos de levar para as escolas os debates mais recentes da História Antiga e de gênero. Nesse sentido, dois pontos devem ser esclarecidos. O primeiro, é que reconhecemos a escola como um espaço diferente do espaço acadêmico, que segue uma lógica própria e que não deve se submeter ao que historiadores e historiadoras das universidades pensam ser o melhor para o dia-a-dia escolar. Nesse sentido, enquanto historiadores/as, porém, devemos ter o compromisso científico e social de estreitar os laços com as escolas, compartilhando o conhecimento que produzimos de forma que, caso professoras e professores julguem interessante aplica-los em suas aulas de acordo com seus objetivos, tenham essa possibilidade com fácil acesso. Foi com essa intenção que viemos desenvolvendo dois projetos de ensino com o apoio do PROLICEN – UFSM.

O segundo ponto trata justamente do Programa de Licenciaturas e das oportunidades que ele gera para realizar a integração entre os espaços acadêmico e escolar e, sobretudo, o quanto incrementa a formação de estudantes de

Licenciatura. Assim, como conclusão, ressalto o papel que o PROLICEN – UFSM teve nesse projeto a partir das oportunidades e também das exigências a serem cumpridas. Estando em contato com a escola para além do período de estágio curricular e pensando em questões outras que não a elaboração e execução de aulas, pude compreender as dinâmicas dos espaços diversos que são a escola e a universidade. Por fim, e mais importante, muito além do esforço para contribuir com o ensino de História, a realização do projeto contribuiu para a minha formação enquanto professora e historiadora.

REFERÊNCIAS

Documentais

DIODORO DE SICILIA. **Biblioteca Histórica**: Libros I-III. Introducción, traducción y notas de Francisco Parreu Alasà. Madrid: Editorial Gredos, 2001.

DIODORO DE SICILIA. **Biblioteca Histórica**: Libros IV-VIII. Introducción, traducción y notas de Juan José Torres Esbarranch. Madrid: Editorial Gredos, 2004.

ESTRABÓN. **Geografía**: Libros XI-XIV. Introducción, traducción y notas de M.^a Paz de Hoz García-Bellido. Madrid: Editorial Gredos, 2003.

Bibliográficas

ALASÀ, Francisco. Introducción. In: DIODORO DE SICILIA. **Biblioteca Histórica**: Libros I-III. Introducción, traducción y notas de Francisco Parreu Alasà. Madrid: Editorial Gredos, 2001, p. 7- 132.

BARNABÉ, Luís Ernesto. De olho no presente: História Antiga e livros didáticos no século XXI. **OPIS**, 14, 114-132, 2014.

BELLEBONI-RODRIGUES, Renata C.; SILVA, Semíramis C. Os Desafios e a Importância da História Antiga na formação do professor de História. In: BATISTA; SILVA; SOUZA. **Desafios e Perspectivas das Ciências Humanas na Atuação e na Formação Docente**. v. 5, Jundiaí: Paco Editorial, pp. 71-87, 2012.

BEZERRA, Holien. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL (org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 5 ed. São Paulo: Contexto, pp. 37-48, 2007.

BLAZOTTO, Thiago. **Sob o signo do grande rei**: a barbarização de Alexandre Magno em Diodoro Sículo, Quinto Cúrcio, Plutarco e Arriano. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2016.

BITTENCOURT, Circe. Usos didáticos de documentos. In: _____. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 2 ed. São Paulo: Cortez, pp. 325-334, 2008.

BLANCO, J. García. Introducción. In: ESTRABÓN. **Geografía**: Libros I-II. Traducción y notas de J. L. García Ramón y J. García Blanco. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

CAIMI, Flávia E. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar? **Anos 90**, v. 15, n. 28, pp. 129-150, dez. 2008.

CARVALHO, Margarida M.; FUNARI, Pedro P. Os avanços da História Antiga no Brasil: algumas ponderações. **História**, v. 26, n.1, pp. 14-19, 2007.

COELHO, Ana S.; BELCHIOR, Ygor K. A BNCC e a História Antiga: Uma possível compreensão do presente pelo passado e do passado pelo presente. **Mare Nostrum**, n. 8, pp. 62-78, 2017.

FABRÍCIO, Arthur R.; CUNHA, Liliane T. Identidade e alteridade em Heródoto: visão de um grego a respeito dos egípcios. **Alétheia** - Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo, v. 9, n. 1, pp. 142-159, 2014.

FAVERSANI, Fábio. Ler e escrever: livros didáticos. **Hélade**, v. 2, pp. 14-17, 2001.

FERREIRA, José. A pólis grega. In: **A Grécia Antiga**. Lisboa: Ed. 70, p. 13-39, 1992.

FUNARI, Pedro A.; GARRAFFONI, Renata S. História Antiga na Sala de Aula. **Textos Didáticos**, 90 p., jul. 2004.

FUNARI, Pedro P. A Importância de uma Abordagem Crítica da História Antiga nos Livros Escolares. **Hélade**, v. 2, pp. 23-26, 2001.

_____. A renovação da História Antiga. In: KARNAL (org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 5 ed. São Paulo: Contexto, pp. 95-108, 2007.

GONÇALVES, Ana T. Os conteúdos de História Antiga nos livros didáticos brasileiros. **Hélade**, v. 2, pp. 9-13, 2001.

GONÇALVES, Talita. O feminino como 'outro': uma abordagem acerca da alteridade na antiguidade grega. **Hélade**, v. 3, n. 3, p. 9-18, 2018.

GUARINELLO, Norberto. Ordem, Integração e Fronteiras no Império Romano: um ensaio. **Mare Nostrum**, v. 1, pp. 113-127, 2010.



HARTOG, François. **Memória de Ulisses**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

LEGO, Amy Elissa. Amazons: Comparative study of Amazon mythology in ancient literature and art. **Macquarie Matrix**: Special edition, ACUR, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta Preliminar. Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016.

MOTA, Cynthia. **As lições de história universal da Biblioteca Histórica de Diodoro da Sicília como processo educativo da humanidade**. Tese de Doutorado em História defendida na USP, 2008.

PAIM, Elison A. Do formar ao fazer-se professor. In: MONTEIRO. **Ensino de História**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad, pp. 157-170, 2007.

PEREIRA, Nilton M.; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre uso de fontes na sala de aula. **Anos 90**, v. 15, pp. 113-128, dez. 2008.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, pp. 263-274, jul./dez. 2008.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL (org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 5 ed. São Paulo: Contexto, pp. 17-36, 2007.

SANZ, Arturo S. Mujeres guerreras: el mito amazónico en la Grecia arcaica y clásica. In: DIAS; SILVA; CAMPOS. **Experiências Religiosas no Mundo Antigo**. Volume II. Curitiba: Prismas, pp. 145-167, 2017.

SCHMIDT, Maria A. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. **Anais do II Encontro Perspectivas do Ensino de História**, pp. 115-128, 1996.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, 1995, p.71-99.

SILVA, Bruno. Introdução aos Estudos sobre a Geografia, de Estrabão. **Mare Nostrum**, v. 1, pp. 71-83, 2010.

SILVA, Cristiani. Gênero e sexualidade nos livros didáticos de História: Algumas questões sobre produções de subjetividades. **Anais do VII Seminário Fazendo Gênero**. Florianópolis, 2006.

SILVA, Semíramis C. Aspectos do ensino de História Antiga no Brasil: algumas observações. **Alétheia**, v. 1, 145-155, jan./jul. 2010.



VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e sociedade na Grécia Antiga**. Tradução de Myriam Campello. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

_____. **O universo, os deuses, os homens**. Tradução de Rosa F. d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **O Mundo de Homero**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

ZARBATO, Jaqueline A. As estratégias do uso do Gênero no ensino de História: narrativa histórica. **Revista Trilhas da História**, v. 4, pp. 49-65, 2015.